



perfil

José Cardoso Pires

escritor, 69 anos

José Cardoso Pires sublinha as duas faces do computador — uma mortal, outra saudável —, ainda que, de vez em quando, repita nada perceber deles: “De computadores, não sei nada, mas tenho uma atitude em relação a eles.” No lado mau, estabelece uma comparação aterradora: “O computador pode ser como uma bela mulher, uma mulher profundamente bela, que nos pode contagiar com sida. O computador tem dentro dele uma quantidade de sidas para quem não souber defender-se.” No lado positivo, o computador é sobretudo uma excelente máquina... não de escrever mas de apagar.

O autor de “Delfim” e da “Balada da Praia dos Cães” explica as duas faces da máquina. Primeiro, a comparação mortal: “Está cheio de sidas desde que não me saiba defender dele, não aprenda os códigos de vida. Parece-me cheio de alçapões, de emboscadas, de sidas que podem ser mortais.” Como assim? “Posso escrever uma obra-prima e, ao mais pequeno deslize, perder tudo de um momento para o outro. Se fosse Dante, escrevesse a ‘Divina Comédia’ e me enganasse num botão...” Na verdade, nunca perdeu nada muito importante e foi por “total incompetência”.

Ainda na face mortal, aponta a possibilidade de desaparecimento da vida privada e o aparecimento dos “gangsters” dos computadores: “Um tipo semeia para aí vírus por todos os lados. Enche-os de sida.” Depois, é o desemprego: “A ‘décalage’ entre a velocidade do computador e do homem deu o desemprego. A informática, a robótica e as altas tecnologias associadas à computação são responsáveis por crises sociais graves, mas isso não me leva a ter uma atitude excomungadora do computador.”

Tanto é assim que o computador lá mora no seu escritório, pequeno e repleto de livros. “A imagem do cientista como imagem do diabo, de sobrancelhas viradas para cima — o fulano dos computadores — é uma ideia extremamente reaccionária no sentido político. Por isso, não sou tão negativo em relação aos computadores. Para mim, o indivíduo que vê o computador como um perigo não percebe que, como uma grande revolução, tem dois lados e que todo o mal é por culpa da organização social e não por culpa da moral científica.” Assim como a energia nuclear: “Os cientistas da energia atómica não pensavam que iriam fazer o apocalipse do mundo. Pensavam numa energia que iria revolucionar e beneficiar a humanidade.”

Nas coisas boas e “saudáveis” do computador, fala da Internet e das edições electrónicas que certas bibliotecas fazem de documentos a fim de os preservar. E conta a utilização que ele próprio faz do computador na escrita de livros: “Uso-o como uma máquina de escrever. Mas primeiro escrevo sempre à mão e não é nesta casa [em Lisboa], é na Costa da Caparica.” Utiliza uma caneta Montblanc preta para a parte mais criativa da escrita. “Depois, passo para o computador e trabalho o texto. Não gostava da máquina de escrever, precisava de uma máquina de apagar. O pior tormento de uma máquina de escrever é que não apaga o texto. Para trabalhar o texto, não há nada como o computador”. Conta ainda que aquela excelente máquina de apagar possibilita um mais forte “prazer visual da escrita”, embora necessite de imprimir bastantes vezes.

Cardoso Pires reconhece ser avesso aos computadores por uma questão de comodismo e de fosso geracional. “Porque não me familiarizei, não entrei no mundo dos códigos do computador. Há um distanciamento que vem da distância de gerações.” Usa-o apenas para processamento de texto: “Não me ponho com grandes fantasias.”

Essa distância é visível mal liga o computador. No ecrã, aparecem os símbolos C:\> “Não sei tirar isto. Esqueci-me.” Mais tarde, quando abre um ficheiro chamado “Vacina”, explica que não tem nada lá dentro nem sabe o que é. Sai desse ficheiro, mas o computador diz-lhe que tem uma instrução inválida e continua a mostrar-lhe a “vacina”. “Cá estamos numa das minhas situações. Não sei como me escapo daqui”. Decidido, desliga o computador: “Está o assunto arrumado.” ■

Texto de Teresa Firmino / Fotografia de Luís Ramos

EQUIPAMENTOS

Um computador IBM, comprado há três anos, e uma impressora Epson LQ-500.

PROGRAMAS

Word Star 5 (processamento de texto).

FICHEIROS

Ulisses: livro “Lisboa, Livro de Bordo”, que será publicado no fim do ano, em edição de arte.

Romance: um livro que prepara (não quer adiantar mais).

Público: crónicas que escreve para o PÚBLICO Magazine.

Expresso: artigo escrito para este semanário.

Europa: artigos para o jornal italiano “La Repubblica”.

Index: artigos de outros (Lídia Jorge, Assis Pacheco, etc.) sobre Cardoso Pires.

Através deste índice pode, depois, consultar os artigos numa pasta de papel.

Vacina: “Não sei o que é. Já vinha com o computador”. Cartas

